Dia 6 — São Zacarias, Profeta

Martirológio Romano

São Zacarias, profeta, o qual, já muito ancião, havendo voltado da Caldeia, morreu em sua pátria e foi sepultado junto ao profeta Ageu. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santo Onesíforo, no estreito de Galípolis; foi discípulo dos Apóstolos, e faz menção dele São Paulo escrevendo a Timóteo (em sua segunda carta, cap. 1). Padeceu martírio juntamente com São Porfírio, sendo cruelmente açoitado por mandado do procônsul Adriano e depois arrastado por cavalos ferozes, em cujo tormento entregou sua alma a Deus.

O trânsito dos santos mártires Fausto, presbítero, Macário e dez companheiros, em Alexandria; os quais, no tempo do imperador Décio e do presidente Valério, sendo degolados por confessar o nome de Jesus Cristo, alcançaram a coroa do martírio.

Os santos mártires Cótido, diácono, Eugênio e seus companheiros, na Capadócia.

Os santos bispos Donaciano, Presídio, Mansueto, Germano e Fusculo, na África; os quais, na perseguição dos vândalos, por mandado do rei Hunerico, ariano, porque defendiam a verdade católica, foram cruelmente açoitados com feixes de varas e depois desterrados: entre eles também havia outro bispo chamado Leto, varão de grande ânimo e muito douto, o qual, depois de uma longa e asquerosa prisão, foi queimado vivo.

São Petrônio, bispo e confessor, em Verona.

O servo de Deus Santo Eleutério, abade, em Roma, do qual escreve o papa São Gregório que com suas orações e lágrimas ressuscitou um morto. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Zacarias, Profeta

Zacarias, que quer dizer *memória do Senhor*, foi filho de Baraquias e neto de Ido; viveu muito tempo em Babilônia e, em idade já avançada, voltou a Jerusalém, onde, no segundo ano e no mês oitavo de Dario, começou a profetizar dois meses depois de Ageu, pelo que o argumento destes dois Profetas é um mesmo, ainda que o Espírito Santo, que havia guiado Ageu a uma simples e sumária pregação, quis variar de estilo em Zacarias, manifestando-lhe muitas visões de um sentido muito alto e misterioso, que fossem como outros tantos retratos das doutrinas e profecias que devia propor. Mas há muitos lugares tão difíceis de entender que São Jerônimo, ao começar seu comentário, diz que é o mais obscuro dos doze Profetas menores. Descreve muito expressamente o nascimento do Salvador, juntamente com sua paixão e morte: seu reino e sacerdócio: a vinda do Espírito Santo: a virtude do Evangelho e a vocação dos gentios: e a restauração, justificação e glorificação eterna de sua Igreja. Alguns são de sentir que este Zacarias é o mesmo de quem Jesus Cristo disse que foi morto entre o templo e o altar; ainda que São Jerônimo é de opinião contrária. Seu livro contém catorze capítulos, e a Igreja católica usa da profecia de Zacarias nas lições das matinas da sexta-feira, no domingo quinto de novembro.

São Eugênio, Bispo e Mártir

Depois da morte de São Deogratias, que sucedeu no ano de 457, a igreja católica de Cartago, na África, esteve sem bispo vinte e quatro anos, gemendo os fiéis sob o insuportável jugo dos vândalos, implacáveis perseguidores, que juntavam à condição de bárbaros o espírito de hereges. Sucedeu no ano de 476 ou 477 a seu pai Genserico o rei Hunerico, homem sumamente cruel e de uma desenfreada cobiça, tal que deu morte a todos os seus irmãos para que em tempo algum pudessem aspirar àquele império. Nos princípios afetou alguma moderação para com os Católicos, concedendo-lhes o livre uso de sua religião; e condescendeu, a rogos do imperador Zenão, em que se elegesse um bispo católico em Cartago, ainda que com certas condições violentas, que admitiu o povo impaciente por ver-se sem pastor tantos anos.

Foi elevado àquela cátedra por universal consentimento Eugênio, conhecido por sua eminente virtude e sua grande sabedoria, cuja eleição encheu tanto de gozo todos os Católicos que parecia não sentirem já os males da dominação bárbara que tanto tempo sofriam. A irrepreensível conduta do santo Pastor atraiu-lhe bem cedo a veneração até daqueles que não eram da comunhão ortodoxa. Proporcionou-lhe Deus meios de fazer tão crescidas esmolas que não era possível compreender como podia sustentá-las em tempo tão calamitoso, em que os bárbaros se haviam apoderado de todas as rendas da Igreja; acrescentadas a esta admirável caridade sua modéstia, sua humildade, sua doçura e sua afabilidade, estava edificado todo o povo ao ver a singular piedade e excelentes virtudes que brilhavam em Eugênio.

Como a conduta do santo Pastor era em tudo conforme ao espírito do Evangelho e sua reputação se estendia por todas as partes, os arianos conceberam tanta inveja, e com especialidade Cirila, que olhavam como patriarca de sua seita, que não houve calúnia que não inventassem para fazê-lo odioso ao rei Hunerico, a quem persuadiram que era conveniente à tranquilidade do povo e do Estado que Eugênio não pregasse a palavra de Deus sentado na cadeira episcopal, nem permitisse que entrassem na igreja homens e mulheres vestidos à vândala. Representou o Santo, logo que se

lhe intimou a ordem do Rei conforme às persuasões dos hereges, que, estando a casa de Deus aberta, não podia expelir dela os que vinham orar e instruir-se na doutrina cristã, e muito menos os que vestiam segundo o uso da nação, sendo como eram vassalos do Rei. Aquela justa satisfação irritou Hunerico de tal maneira que por sua ordem se puseram ministros à porta do templo, os quais prendiam pela cabeça com garfos de ferro os homens e mulheres que com roupas vândalas viam aproximar-se do templo, cuja crueldade fez perder a vida a muitos deles.

Estes foram os princípios da horrível perseguição que aquele bárbaro Príncipe suscitou pouco depois contra a Igreja católica, superior, se cabe, às mais sangrentas dos pagãos; na qual desterrou de um golpe perto de cinco mil pessoas, sem ter compaixão da idade, do sexo, do estado, nem sequer dos enfermos, fazendo sofrer a todas as virgens consagradas a Deus os mais cruéis tormentos e vergonhosos insultos. Não satisfeito seu desumano coração com tão lastimoso estrago, buscou meio para extinguir de uma vez o corpo místico da Igreja católica. Incitado pelos arianos, no ano sétimo de seu reinado, fez que se lesse na igreja de Cartago, onde celebrava Eugênio os mistérios divinos, certo edito em que ordenava que se juntassem os Bispos católicos com os arianos em Cartago, para disputar sobre o ponto da controvérsia; com obrigação de provar os ortodoxos a expressão *Consubstancial* pelas santas Escrituras, sob o conhecimento de que esta voz, ou a de *homoousion*, não se achava literalmente nos Livros sagrados, ainda que sim muitas sentenças justificativas de seu conceito. Resolveram os Prelados que Eugênio, como sua cabeça, expusesse ao Rei o que estimasse conveniente, a fim de eludir o perverso desígnio que disfarçava o decreto. Fê-lo o Santo por meio de um escrito breve, mas portentoso, pelo qual representava que os Católicos nem temiam nem recusavam a disputa; mas que era preciso participá-la aos Bispos ultramarinos, pois a causa era comum a toda a Igreja, ou ao menos se lhe permitisse consultar com a Sé apostólica, para que, como cabeça e matriz de todo o orbe cristão, lhes manifestasse seus sentimentos acerca do artigo da controvérsia. A razão secreta que tinha nosso Santo para obrar deste modo não era porque faltassem na África bispos capazes de refutar as objeções dos arianos, mas pôr o negócio em termos de fazer vir a Cartago outros prelados que, não sujeitos à dominação dos vândalos, pudessem falar com mais liberdade e fazer saber a todo o mundo a opressão sob a qual os Católicos gemiam na África. Mas, mal satisfeito Hunerico com a representação de Eugênio, empregou sua indignação em atormentar sem medida os bispos mais sábios, desterrando a uns com privação de todos os auxílios necessários e mandando tirar a vida a outros; tudo com o fim de facilitar aos de sua seita a vitória que se prometia na disputa pública que tinha indicada.

Neste tempo obrou o Santo o prodígio de dar vista a um cego; e, divulgado o milagre por toda a cidade, mandou Hunerico prender o cego para saber dele a verdade do sucesso. Mas, não podendo os arianos eludir aquela maravilha, que, por ser tão pública, deu novo realce à santidade de Eugênio, persuadiram ao bárbaro Príncipe que tudo era uma ilusão mágica do bispo de Cartago; pelo que, montando em cólera, inclinou-se a perdê-lo como a um mago encantador, enquanto os sectários, por outra parte, buscaram meios de tirar a vida ao cego, por um motivo semelhante ao que tiveram os judeus quando quiseram matar Lázaro, ressuscitado por Jesus Cristo.

Depois destes sucessos, chegou enfim o dia da conferência no lugar que assinalaram os arianos. Os Católicos, por evitar todo tumulto e confusão, elegeram dez deles para que falassem em nome de todos. Cirila, pretendido patriarca dos sectários, escoltado por uma multidão de satélites,

sentou-se num trono eminente a presidir a assembleia, dando lugar com suas atropelias a que os demais se queixassem sobre querer tratá-los com espírito de dominação e forçar a liberdade que deve intervir nos juízos. As consequências destes justos sentimentos, e da representação que Eugênio fez sobre que se tratasse o negócio tranquilamente sem os alvoroços que ocasionaram os arianos, não foram outras que as de mandar Hunerico que se dessem cem pauladas a cada um dos Bispos católicos. Sofreram aqueles prelados com heroica paciência o infame castigo; mas nem esta desusada pena nem outras maiores com que foram ameaçados os intimidou para deixar de querer que se terminasse a controvérsia. Disseram os arianos a seu Patriarca que propusesse, e ele escusou-se com que não sabia a língua latina, sendo assim que jamais havia sabido outra; e, vendo que os Católicos estavam preparados para o combate mais do que cria, evitou-o por todas as sortes de artifícios.

Eugênio, que tinha previsto o que sucederia e que o iníquo Patriarca não estava em disposição de entrar em disputa, por mais que presunçosamente fizesse semblante de querê-la, tinha disposta uma confissão de fé, que pôs em suas mãos. Aturdido este, com os de sua seita, ao ouvir ler um escrito que lhes impunha perpétuo silêncio, a despeito dos gritos que lhes dava sua consciência, recorreram ao Rei e, em qualidade de queixa, disseram-lhe um milhão de falsidades dos Bispos católicos. Não havia esperado este Príncipe as novas calúnias para determinar-se sobre o que tinha resolvido fazer contra a Igreja. Tinha já formado seu cruel edito, que dirigiu secretamente a diversas províncias enquanto os Bispos estavam juntos em Cartago, mandando que num mesmo dia se fechassem todas as igrejas dos Católicos e se extraíssem todos os seus bens. E, ainda que quis que se suspendesse a execução até dar tempo para que deliberassem os Prelados sobre as ofertas que lhes havia feito de conservá-los em todos os seus direitos se abraçassem sua seita, logo que soube o ocorrido no congresso, mandou que os Bispos católicos que estavam em Cartago fossem despojados de quanto tinham e lançados da cidade, com proibição a toda classe de pessoas de assisti-los ou alimentá-los, sob a pena, ao que tivesse esta compaixão, de ser queimado em sua habitação com toda a sua família.

Como Santo Eugênio era o principal chefe que sustentava a verdade católica, experimentou com mais rigor os efeitos da iníqua providência. Ainda que alguns escritores assinalam diversos motivos por causa de seu desterro a Trípoli, outros creem que foi efeito da conferência particular que teve na presença do Rei com os arianos, na qual os confundiu prodigiosamente; e de um novo milagre com que descobriu o artifício dos hereges, que quiseram aparentar igual graça que a do servo de Deus. O fato foi que Cirila, patriarca dos sectários, havendo pagado a um homem para que fizesse o cego, instruiu-o no que devia fazer e dizer, posto no sítio que lhe assinalou para fazer público o sucesso. Assim concertada a fraude, acompanhado Cirila de Santo Eugênio e outros Bispos, passou como por acaso pelo lugar onde estava o fingido cego, o qual clamou ao Patriarca, ponderando sua virtude, para que lhe restituísse a vista; e, fingindo Cirila compaixão, disse-lhe: «Para prova de que a fé que professamos é verdadeira, teus olhos sejam abertos.» Quando esperava o herege os aplausos de sua pretendida maravilha, permitiu Deus, para que se descobrisse a impostura, que aquele homem ficasse efetivamente cego, o qual, acongojado de que o céu assim o castigasse por seu engano, pediu a Deus perdão e referiu publicamente toda a ficção do ariano. Eugênio, que achou ocasião de desenganar com este motivo os incrédulos, levantou seu coração a Deus, tocou os olhos daquele miserável, fez sobre eles o sinal da cruz, e recuperou a vista ao momento. Soube Hunerico todo o sucesso; e, em lugar de conceber uma justa indignação contra os impostores,

decretou o desterro de Santo Eugênio aos desertos de Trípoli, nas extremidades da província Bizacena.

Ainda que os bispos arianos se ensanguentavam contra os Católicos, nenhum deles era mais violento que Antônio, bispo de Tamalluma, cidade imediata ao deserto onde estava Eugênio. Era aquele um conhecido delinquente, manchado com uma multidão de crimes detestáveis. Como seu furor contra os Católicos era público, Hunerico lhe cometeu a guarda do santo Bispo e, adiantando-se a mais do que lhe havia sido ordenado, encerrou Eugênio numa prisão horrenda; mas, não ousando tingir suas mãos no sangue do inocente, tratou de dar-lhe morte lenta à força de maus-tratos e toda sorte de penalidades. No meio de sorte tão infeliz, esquecido o santo Prelado de seus próprios males, chorava os que padecia seu rebanho e demais católicos da África. Além das lágrimas que derramava, afligia seu delicado corpo, atenuado com os trabalhos e a velhice, com um áspero cilício de que se achava coberto, dormindo sobre o nu chão. Este teor de vida verdadeiramente austera e penitente, acompanhado das incomodidades que padecia no calabouço, fê-lo cair numa paralisia que o pôs nos umbrais da morte. Antônio ouviu a novidade com muito gozo e passou a visitá-lo para recrear seus olhos no espetáculo de dores a que estava reduzido o venerável prisioneiro; e, para acelerar sua morte, fez trazer o vinagre mais forte que se pudesse achar, do qual mandou enchê-lo a boca à força; mas Deus permitiu que o que devia acelerar os dias de sua vida servisse do mais eficaz remédio para que recuperasse a saúde.

Hunerico, consumido de pena por não haver podido ver a ruína da Igreja católica apesar dos cruéis meios e diversidade de arbítrios que havia tomado para a consecução deste perverso intento, consternado de ver a África desolada por uma horrível fome que causava a morte de milhares de vândalos, morreu infelizmente a 13 de dezembro de 484, comidas de vermes todas as partes de seu corpo, nos transportes de um frenesi espantoso que o fez lançar as entranhas pela boca. Sucedeu a este tirano seu sobrinho Gundabondo ou Gundesbondo, o qual, deixando esfriar a perseguição insensivelmente, deu lugar a Eugênio para que voltasse à sua igreja, onde o dignissimo Prelado se esmerou com infatigável zelo em reparar as ruínas que os inimigos haviam causado em seu rebanho todo o tempo de seu desterro. E teve a felicidade de achar no papa Félix um excelente cooperador, que lhe enviou diferentes favoráveis expedientes para receber a penitência os que haviam caído durante a perseguição, depois de deliberado o assunto no concílio que celebrou em Roma no ano de 488. Ainda que Gundabondo teve uma grande consideração às virtudes de Eugênio, maior do que se podia esperar de um príncipe ariano, manifestando em não poucas ocasiões que, por respeito a tão eminente Bispo, não estava distante de favorecer os Prelados católicos, aos quais com efeito restituiu a suas igrejas do desterro em que se achavam; contudo, os hereges arianos não deixavam gozar paz a Eugênio em meio a seu rebanho, fazendo os mais fortes esforços para malquistá-lo com o Rei; o que motivou dizer o papa Gelásio aos bispos da Dardânia que no reinado de Gundabondo, que era no tempo de seu pontificado, o santo Prelado padecia uma espécie de perseguição.

Parecia prometer-se a Igreja da África uma paz sólida no reinado de Gundabondo, quando foi arrebatado do mundo no ano de 495, deixando por sucessor da coroa seu irmão Trasamundo. Este novo Rei, de espírito mais ligeiro e menos correto que seu antecessor, dominado pelos prelados de sua seita, voltou a abismar a Igreja católica nas mesmas aflições que lhe havia causado seu tio Hunerico. Por esta causa o Santo não pôde permanecer muito tempo na cadeira de Cartago depois

da elevação daquele Príncipe, que, não podendo resistir às sugestões dos hereges, o fez sair desterrado de todos os seus domínios; com cujo motivo se retirou Eugênio a Albi, cidade da Aquitânia, nos confins da Gália Narbonense, onde encontrou bastante quietude para esmerar seu zelo na ereção de um mosteiro na cidade de Viance, no qual formou discípulos imitadores de suas virtudes. Ali viveu algum tempo, até que, consumido de trabalhos e do rigor de suas penitências, morreu com a morte dos Santos no dia 6 de setembro do ano 505. Seu venerável corpo foi sepultado no mesmo lugar, perto do túmulo de Santo Amarando, mártir, onde permaneceu até o ano de 1404, em que Luís de Amboise, bispo de Albi, o trasladou, com as relíquias de outros Santos, à catedral de Santa Cecília, onde se lhe tributa a veneração correspondente.

Genádio de Marselha pôs nosso Santo na ordem dos escritores eclesiásticos, cujos escritos lhe deram a merecer esta graduação, pois são verdadeiramente monumentos imortais de sua grande sabedoria, de sua pureza, de sua fé e de seu zelo apostólico. Os quais são uma exposição da fé católica, que contém todo o terceiro livro da história que São Vítor de Vita compôs da perseguição dos vândalos: um apologético em defesa da mesma fé: uma carta pastoral que escreveu a seu povo ao partir para seu primeiro desterro, que nos conservou São Gregório de Tours na história da França: um tratado histórico e dogmático, sob o título de altercação com os arianos: um discurso ao rei Hunerico, de que faz menção o mesmo Vítor de Vita, impresso em Paris em 1693, a expensas do Pe. Teodorico Ruinart, da congregação de São Mauro.

Santo Eleutério, Abade

Santo Eleutério, padre do mosteiro de São Marcos Evangelista, na cidade de Espoleto, foi de tanta virtude que com suas orações ressuscitou um morto. Certo dia, caminhando, não teve onde recolher-se senão num mosteiro de religiosas que havia naquele lugar. Estas servas de Deus tinham um menino a quem todas as noites atormentava o demônio, apoderando-se dele. Pediram ao Santo que permitisse que aquele menino dormisse com ele aquela noite, sem dizer-lhe por quê. Concedeu-o o bendito Padre e pela manhã lhe perguntaram como lhe havia ido com o hóspede. O Santo respondeu que muito bem; e, como entenderam que por sua virtude o demônio não se havia atrevido aquela noite ao menino, pediram-lhe que o levasse em sua companhia, referindo-lhe o que se passava. Levou-o consigo a seu mosteiro, e nunca mais o demônio se atreveu a inquietar aquela criatura. Passaram muitos dias e, gozoso o santo Abade de ver tão são e bom, e livre do demônio, aquele menino, cheio de alegria disse um dia a seus monges: «O diabo zombava daquelas santas religiosas, e assim atormentava este menino; mas agora não se atreve.» Ainda que disse estas palavras com sinceridade, não deixou de deslizar-se algo na vanglória de tão grande milagre: o que conheceu ao instante pelos efeitos, pois ao mesmo ponto se apoderou o demônio do menino e começou de novo a atormentá-lo. Reconheceu o Santo sua culpa, ainda que foi tão ligeira que quase era duvidoso que a houvesse cometido: chorou-a amargamente e pediu a todos os monges que se pusessem em oração, protestando, fiado na divina misericórdia, que nem ele nem outro algum deles havia de provar bocado de pão até que aquele menino estivesse bom e livre do demônio. E, como a oração de muitos vale muito com Deus, por fim alcançaram o perdão daquela ligeira culpa de vanglória que o santo Abade havia cometido e, juntamente, a saúde do menino, tão cumpridamente que nunca jamais o demônio se atreveu a entrar nele.

Por fim, cheio de dias e virtudes, deu sua santíssima alma a Deus em tal dia como hoje, pelos anos do Senhor de 580. Escreveu sua vida o glorioso e magno pontífice São Gregório, cap. 35, liv. 5 de seus *Diálogos*.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Eugênio, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Eugenii martyris tui atque pontificis veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat, et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que na devota solenidade de vosso bispo e mártir Santo Eugênio aumenteis em nós o espírito da piedade e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 5,14-18

> **Latim:** 14 Caritas enim Christi urget nos : æstimantes hoc, quoniam si unus pro omnibus mortuus est, ergo omnes mortui sunt : 15 et pro omnibus mortuus est Christus : ut, et qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est et resurrexit. 16 Itaque nos ex hoc neminem novimus secundum carnem. Et si cognovimus secundum carnem Christum, sed nunc jam non novimus. 17 Si qua ergo in Christo nova creatura, vetera transierunt : ecce facta sunt omnia nova. 18 Omnia autem ex Deo, qui nos reconciliavit sibi per Christum : et dedit nobis ministerium reconciliationis,

Português: 14 Porque o amor de Christo nos constrange: fazendo este juizo, que se hum morreo por todos, por consequencia todos são mortos: 15 e Christo morreo por todos: a fim de que tambem os que vivem, não vivão mais para si mesmos, mas para aquelle, que morreo e resurgio por elles. 16 Por isso nós des d'agora a ninguem conhecemos segundo a carne. E se houve tempo, em que conhecemos a Christo segundo a carne: já agora o não conhecemos d'este modo. 17 Se

algum pois he de Christo, he huma nova creatura, passou o que era velho: notai que tudo se fez novo. [18] E tudo vem de Deos, que nos reconciliou consigo mesmo por Christo: que confiou de nós o ministerio da reconciliação:

Reflexões

Que toda a terra esteja regada com o sangue de Jesus Cristo é efeito de sua ardente caridade; mas dizei-me, ministros do Evangelho: que toda a terra esteja coberta de pecadores, não o imputará o Salvador à frialdade da vossa? Veio lançar seu divino fogo a toda a terra; não deseja outra coisa senão que se acenda: a quem atribuirá que não pegue este celestial fogo, por falta de quem o sopre e o avive? Para interessar-se com ardor e com verdadeiro zelo na salvação dos próximos, é mister persuadir-se, e pensar, com o apóstolo São Paulo, que de tantas almas como correm cegas à perdição nem uma só há a quem Deus não queira sinceramente salvar. Limitar ao curto número dos escolhidos o benefício da redenção é privar os ministros zelosos daquela confiança que os sustenta quando asseguram que não trabalham em vão, nem ao acaso, mas arranjando-se à intenção e à vontade de Jesus Cristo. Nenhuma coisa acovardaria, extinguiria mais aquele seu abrasado zelo que este funesto, este pernicioso erro. Para que atravessar tantos mares, consumir-se vãmente em inúteis trabalhos, para fazer entrar na rede um quase infinito número de gentes que nem ouviram a voz do Pastor nem foram jamais, nem jamais poderão tampouco ser ovelhas de seu rebanho? Que consideração poderá animar este zelo, uma vez que se dê lugar à herética opinião de que há no mundo uma imensa multidão de almas pelas quais não morreu Jesus Cristo? Nem quem poderá excitar, fomentar e manter nos mesmos fiéis a devida confiança, uma vez que estejam persuadidos de que, por mais que façam, nem tiveram nem já podem ter parte nos méritos e na morte do Salvador? Não há heresia mais própria para introduzir no mundo a corrupção dos costumes. A dúvida só de se Jesus Cristo morreu por todos os homens tira o alento aos pecadores e apaga a confiança nos justos. Para que será mortificar-me, nem estar-me fazendo toda a vida uma cruel e penosíssima violência? Se Deus não morreu por mim, todos os meus esforços e todas as minhas vitórias são inúteis; o mortificar-me é perder tempo. E, se este divino Salvador se dignou morrer pela salvação de minha alma, ainda que persevere até a morte nas maiores desordens, ninguém me impedirá de morrer com a morte dos Santos. Pode imaginar-se erro mais pernicioso? Assim, pois, não há herege desta espécie que não tenha costumes muito estragados, sob a máscara de uma aparente piedade. Ó Senhor! E quão pouco conhecidas são as consequências de vossa preciosíssima morte! A quem não as penetra, fácil coisa é dizer que não pedis tão alta perfeição a todos aqueles a quem quereis salvar. Mas o que considera que, havendo morrido por todos os homens, a todos lhes impusestes a estreita obrigação de viver única e precisamente para Vós, de arranjar sua vida aos preceitos e às máximas do Evangelho, com dificuldade descobre que temperamento se poderá aplicar à vida mais austera, nem que diferença pode haver entre uma vida que inteiramente deve estar consagrada a Deus e numa total abnegação. Nem há que dizer que não se descobre culpa, nem coisa que pareça repreensível, no apego que se conserva a certos objetos; em cheirando este apego a coisa da carne e em sendo segundo sua inclinação e seus desejos, já não se pode compor com um estado em que só nos deve ocupar o que se refere a Deus. Agora julga tu se o espírito e as máximas do mundo podem convir a

uns homens que estão indispensavelmente obrigados a viver segundo o espírito e as máximas de Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,28-30

> **Latim:** 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

Sobre a vida do século

Primeiro ponto

Considera que a vida do século é uma vida tumultuosa, pouco cristã, cheia de inquietudes, de desgostos e sempre acompanhada de cruéis remorsos. Por mais que os mundanos se esforcem a fazer-nos as mais risonhas pinturas dela, por mais que no-la pintem com termos pomposos e falazes, por mais brilhantes que sejam as cores com que pretendem retratá-la, nem sua simulação nem seus artifícios alteram um ponto a natureza do estado. Com todas essas maquiadas máscaras, com todas essas floridas exterioridades, com todas essas risonhas aparências, a vida do século é uma dura escravidão, é a região dos trabalhos e dos lamentos. Aqueles mesmos que mais clamam contra esta verdade experimental, esses são os que interiormente a conhecem e a apalpam melhor que todos os outros. Enquanto descaradamente afetam certo ar artificioso de liberdade, ao mesmo tempo que ponderam tanto suas diversões e seus gostos, quando estão fazendo ostentação de sua quimérica felicidade, lá dentro de seu coração estão confessando que nem há, nem houve jamais condição mais escrava, mais penosa nem mais infeliz que a sua. Que opressão mais molesta, bom Deus, que aquela com que se vive no século? É preciso sofrer a uns,

contemplar a outros e depender de todos. Não se ignoram as manhosas artes de um concorrente, a má vontade de um inimigo oculto, os laços e os artifícios da cabala; com tudo isso, é mister dissimular tudo, tragar tudo, sem descuidar-se de que saia ao exterior o menor sinal de desconfiança. É mister estar sempre muito sobre aviso, ao mesmo tempo que para fora se fazem as mais vivas, mas as mais enganosas expressões de amizade, as quais em suma não são outra coisa que um mero cumprimento; porque não há que buscar no mundo amizade sincera e verdadeira. Nele tudo se governa a gosto das paixões, as quais dominam como tiranas, e sua tirania é servilmente aplaudida. Ah, meu Deus! Quando houve violência mais universal, escravidão mais insofrível, vida mais abundante de desgostos e de amarguras? Que dia amanhece sereno nessa vida mundana? Que dia sem perturbação, sem borrasca, sem algum acidente enfadonho e desgraçado? Representa-se a vida regrada como uma vida que causa horror; crê-se que o claustro é uma honrada, mas espantosa prisão; considera-se o estado religioso como o de uma escravidão. Ah, que os seculares num só mês têm que fazer-se mais violência, têm que padecer mais enfados, têm que tragar mais pesadumes, têm que sofrer menos liberdade e têm que vencer-se mais que os mais austeros e os mais estreitos religiosos no longo espaço da vida. Até as diversões dos seculares estão cheias de amarguras. Muito tumulto e muito ruído em todas elas; mas quando houve nunca uma só doce, sossegada e tranquila? A que partida de diversão, de jogo, de convite e de festa mundana não se seguiram sempre desgostos e dissabores? Nem sempre é o gosto o que mais se sente. A inveja, a murmuração, a ingratidão e outros mil sentimentos costumam ser o fruto destas loucas aventuras. Ah, Senhor! Não há sorte mais infeliz que a daqueles que servem a outro dono que a só Vós.

Segundo ponto

Considera que, entre todos os que fazem uma vida verdadeiramente mundana, nem um só há que não possa dizer, e que não diga efetivamente: *Per totam noctem laborantes, nihil cepimus.* Toda a noite estivemos remando e trabalhando, e ao cabo nada colhemos. Esta é, numa palavra, a vida do mundo. Noite sombria e escura, vida que toda se passa em lôbregas trevas, pela falta de fé e de consideração das verdades eternas, pelo embaraço e tumulto dos negócios que sufocam o espírito, pelo ardor das paixões, que não só debilitam as máximas da Religião, mas até as mesmas luzes da razão natural; e, enfim, por um amor impetuoso e cego às coisas sensíveis, aos deleites e a tudo o que afaga e lisonjeia os sentidos. Daqui nasce aquela insensibilidade e até aquele tédio com que se olha tudo o que toca à Religião; aquela lastimosa cegueira, que é quase comum à maior parte dos que levam uma vida tão pouco cristã: *non est qui recogitet corde.* Compadeçamo-nos de todos os que passam seus dias em tão espessas trevas e rendamos graças à misericórdia do Senhor porque se dignou tirar-nos delas. Mas estas trevas não são tranquilas nem descansadas: *laborantes*: trabalha-se, padece-se, fatiga-se, gasta-se a saúde e a vida, está-se fazendo a si mesmo contínua violência; e tudo para quê? Para nada; para achar-se ao cabo com as mãos vazias: *nihil cepimus.* Nada para o céu e para a eternidade; porque de que servem para a outra vida todos esses trabalhos empreendidos, devorados em serviço do mundo e com o espírito do mesmo mundo? De que servem essas eternas inquietudes, esses ciúmes devoradores, todos esses desgostos, único salário de um amo ingrato, duro e cruel? E de que servem tampouco esses estéreis enfados e até arrependimentos, frutos naturais de uma vida mundana? De boa-fé, aqueles que vivem segundo as

máximas e o espírito do mundo creem seriamente que têm uma vida cristã? E não seria zombar da Religião se se cresse que para ser cristão bastava ter a fé do Batismo? Mas muitas vezes, e que outra coisa mais têm de cristãos esses inimigos das máximas e do espírito de Jesus Cristo? Esses homens que fogem dos Sacramentos e não têm mais parte no convite do Senhor que quando, quase a seu pesar, lhes levam o Viático? Pode-se dizer que é cristão o que somente o é quando recebe o Batismo e somente o parece pouco antes de morrer? Pois tal é a vida da maior parte dos homens do século. Poucos deles farão esta meditação; mas nem por isso é menos lastimosa sua conduta, porque nem por isso é menos culpável. Os que a fizerem não poderão deixar de confessar, ou ao menos de conhecer, a solidez e a verdade de todas estas reflexões. Ditosos deles se se quiserem render às saudáveis solicitações da graça.

Jaculatórias

Sim, meu Deus, todos sabemos que somos filhos vossos, e não ignoramos tampouco que o espírito maligno se apoderou de todo o mundo. (1 Jo 5.)

Sim, meu Deus e meu Senhor, no mundo não encontrei mais que maldades e contradições; e, sobre isso, muitos trabalhos, muitas fadigas e muitos pecados. (Sl 54.)

Propósitos

1. O espírito do mundo em tudo se introduz, e onde está introduzido reina a iniquidade, a perturbação e a aflição de espírito. Até esses lugares santos, desviados do tumulto, que eram até aqui o asilo da tranquilidade e da inocência, os forçou, por assim dizer, este inimigo da salvação. Penetrou o contágio até os claustros religiosos, e com ele penetraram também aquelas desordens que se cria não poderem encontrar-se senão no século. O espírito de ociosidade, de tibieza, de imortificação, de relaxamento, de delicadeza e de regalo insinuou-se até no mesmo deserto: mistura-se algumas vezes o demônio entre os mesmos filhos de Deus, e daqui nascem aqueles tristes exemplos. Examina-te hoje se acaso estás tocado deste contagioso mal: olha se te anima o espírito de observância, de mortificação e de devoção. No caso de encontrar algum relaxamento em tua conduta, alguma alteração em tuas antigas máximas, algum desmaio, tibieza ou desgosto em teu coração, acode sem dilação ao remédio e desterra de teu coração e de teu espírito tudo o que tenha o caráter de espírito maligno, voltando a uma vida fervorosa, mortificada, observante e inteiramente oposta à vida do mundo.

2. Em todas as tuas empresas, em todo o teu proceder e em todas as tuas ações examina bem o espírito que as anima: logo to descobrirão tuas mesmas obras e tuas próprias máximas. Olha com horror a profanidade, a gulodice, as diversões puramente mundanas, o jogo, os espetáculos e tudo o que caracteriza os homens do mundo. Sê cristão até nas diversões; e em tudo seja a piedade, a modéstia e a mortificação teu verdadeiro caráter.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:16 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:16 by Admin